

Bandidos devem colaborar com Governo

— Presidente Joaquim Chissano, na conferência de Imprensa na cidade da Beira

● Chefe do Estado já regressou a Maputo

O Presidente Joaquim Chissano considerou que os resultados da cimeira de Gbadolite, Zaire, poderão ter «alguma influência» em Moçambique no sentido de fazerem os bandidos armados a aderirem ao programa de paz do Governo.

Os esforços do Governo para alcançar a paz centram-se na amnistia oferecida aos bandidos, que se entregam.

— «Nós estamos dispostos a seguir este caminho desde que se renuncie à violência e se reconheça a ordem existente», disse Chissano quando falava na cidade da Beira na noite de sexta-feira, de regresso a Maputo.

Chissano, que chegou a Maputo na manhã de ontem, acrescentou esperar que da mesma maneira que a UNITA colaborou para se alcançar a paz em Angola, os bandidos, do «MNR» também colaborem com o Governo moçambicano para criar a paz e normalizar a vida de todos os cidadãos no país.

— «Espero que aqueles que hoje combatem o Governo moçambicano e a população, com os subseqüentes massacres e a destruição da economia, vão meter as mãos na consciência», disse o Presidente.

O estadista moçambicano afirmou que a prerrogativa de os bandidos aderirem à «ordem estabelecida» não significa que essa ordem «não possa ser modificada», mas a modificação deve-se processar no espírito de unidade e não

com base em «pressões com apoio de interesses alheios» aos anseios do Povo moçambicano.

Referindo-se aos resultados da cimeira de Gbadolite, Chissano afirmou que eles foram consequência do «amadurecimento das condições objectivas», após o desaparecimento gradual de grande parte dos «factores externos que exacerbavam o conflito».

Aliada a estas condições esteve também «uma maior tomada de consciência por parte de todos os angolanos das possibilidades que havia para se pôr termo ao conflito», disse.

A cimeira de Gbadolite reuniu representantes de 20 países africanos (entre os quais 19 chefes de Estado) para encontrar uma «solução africana» para o conflito angolano que viria a ser simbolizado por um aperto de mãos entre o Presidente José Eduardo dos Santos e o líder da UNITA, Jonas Savimbi.

A solução teve como base um plano de harmonização nacional apresentado pelas autoridades angolanas visando a reintegração dos elementos da UNITA em todos os sectores da sociedade angolana.

O estadista moçambicano manifestou-se seguro de que não haverá mudanças de posição no seio dos países apolantes da UNITA, porque, segundo disse, «eles também são parte da solução» do problema, embora «ontem fossem parte do problema».

Chissano afirmou que «os sul-

africanos não podem fazer marcha atrás e voltar a invadir Angola contra a vontade da UNITA», e que «os próprios americanos não têm interesse em continuar a apoiar uma UNITA que na realidade vai desaparecer com a integração de todo o seu pessoal numa ordem democrática e nacional existente».

Acrescentou que mesmo o Presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko, de quem os angolanos e alguns paí-

ses africanos se queixavam, «desempenhou um papel importante nesta última fase para acelerar esta solução» que se espera venha a ter resultados palpáveis nos próximos três meses.

Segundo Chissano, Mobutu «empenhou-se com coragem» para se chegar aos resultados «que celebramos em Gbadolite, com o aperto de mãos entre Savimbi e o Presidente Edrardo dos Santos» simbolizando a reconciliação.

Dom. 25/6/89